

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-YOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.198

Domingo, 22 de Outubro de 1922

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa * Telefone 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Não foi em vão que a C. G. T. ape-
iou para que os filhinhos dos grevistas de
Aljustrel tivessem protecção. O número
de pessoas já inscritas para recolher as
crianças, e que temos registado, atesta a
solidariedade para com aqueles heróicos
lutadores.

As nossas razões revolucionárias

O que deve entender-se por governo - do proletariado pelo proletariado :-

Rebuscando nos papéis e nos alfará-
bios velhos, encontrámos o texto com-
pleto do célebre manifesto do partido
comunista alemão, redigido, nos seus
contornos mais essenciais, por Marx.
E nesse manifesto-programa, que ainda
serve de inspiração à direcção dos
partidos marxistas do mundo e de base
à pseudo-ditadura proletariana da Rússia,
os comunistas alemães, orientados
por Karl Marx, declaravam que, embora
apoiasssem o partido democrático so-
cialista em França, os radicais na Suíça,
o partido agrário na Polónia, qualquer
movimento burguês na Alemanha ten-
dente a uma maior perfecção política e
económica, enfim, qualquer movimento
revolucionário contra o estado de coisas
sociais e políticas existente — não deixar-
iam, contudo, de pôr em relevo, em
tôdas as circunstâncias, as caracterís-
ticas específicas das suas doutrinas de
comunismo estatal e autoritário. Auxiliar-
iam tôdas as acções revolucionárias
justas e mais aproximativas dos seus
pontos de vista, mas jamais pioriam de
banda a sua propaganda ideológica, mas
nunca se alienariam, deixando-se absorver,
a facções de finalidades antagôni-
cas.

Pensamos assim por razões de ordem
ideológica e por motivos de natureza
histórica e contemporânea. O feitiço
do governo é semelhante ao feitiço
religioso.

Assim como os católicos categoriza-
dos, fundamentalmente na ignorância
das massas, fazem crer que o mundo
seu é muito mais desgraçado do que
é, e não existe a crença em Deus
e ele — não — estivesse, pela interferência
dos seus representantes na terra, a ve-
lar pela sua sorte, assim os proletários
do governamentalismo, mesmo revolu-
cionário, ficados na mesma incom-
preensão dum grande parte das mes-
mas massas, se esforçam por fazer crer
que a humanidade, que os povos, se-
riam infelizes se não tivessem a guia-
ção superior constituída.

Karl Marx, no seu manifesto colabora-
do, afirmou que o governo moderno não
passa de uma comissão administrativa
dos negócios da classe burguesa, para
assim ficar justificado que a ditadura
de um governo marxista, saída da con-
quista, pelo proletariado, do poder polí-
tico, outra coisa não representa do
que uma comissão administrativa dos
negócios da classe operária relativa.

Quando, na Revolução Francesa, se
desladrão a divisa Liberdade, Igual-
dade e Fraternidade, os homens que se
constituíram em poder igualmente di-
ziam governar em nome dos interesses
da população inteira. Talvez fosse desta
data em diante que a fórmula republi-
cana governo do povo pelo povo viesse
origem, derivando na fórmula comunista
autoritária — governo do proletariado
pelos proletariados, para se deixar acentuar,
dominar, enseñar a partidos cujas dou-
trinas defendidas são diferentes das suas
aspirações idealistas.

Isto significa somente que se à me-
moria dos comunistas estatais fizerem uma
revolução contra a burguesia, os sindi-
calistas revolucionários, os comunistas
libertários, não voltarão as costas a essa
inta anti-capitalista; aparecerão, com as
sua posições bem demarcadas, no front
revolucionário a darem combate contra
o inimigo comum.

E' nestes momentos psicológicos que
efectivamente se realiza a tal frente
única, frete única, aliás, que se tem feito
com comunistas, sindicalistas, social-
istas e republicanos de vários nu-
ances quando se trata de repelir os mo-
narquicos e salvar a república, nas ho-
ras difíceis por que ela tem passado.
Mas isto não quer dizer que os
partidários das diferentes escolas revo-
lucionárias abandonassem os seus prin-
cípios e a sua propaganda e fôssem enfiar-
se no partido democrático, mesmo
transitoriamente, até que, duma vez
para sempre, o perigo monárquico de-
sapareça; mas isto não quer dizer que

De resto, isto não é para admirar,

se atendermos a que os ditadores russos,
fieis ao programa comunista consi-
gundo no manifesto de Marx, comprem
a oitava medida respeitante à organiza-
ção de exércitos industriais, embora,
antes, se criticasse a burguesia por tratar
os operários como soldados industriais,
colocados sob a vigilância dum
hierarquia completa de oficiais e sub-
oficiais.

Daqui não se infere que os sindicalis-
tas revolucionários, que se querem man-
ter leais à ideologia que orienta a orga-
nização operária, combatam a Revolução
Social Russa, ou amanhã a portuguesa,
lá pelo facto de se recusarem à
subordinação dos partidos políticos, lá
pelo facto de não serem partidários da
ditadura de um partido, de um governo
revolucionário. A conclusão lógica que
se pode tirar é que eles não são contra
a Revolução, mas contra os seus esca-
moteadores, para que ela seja impulsionada
no sentido mais libertário dos
princípios; o que os sindicalistas revo-
lucionários não querem é que os órgãos
de produção e de distribuição fiquem
rigidamente estatizados, que os sindicatos
profissionais se transformem em
organismos do Estado, absorvendo-os
e desnaturando-os com uma burocacia
nova a substituir a velha. Contra tôda
a ideia de uma ditadura na mão de um
partido superiormente chefiado por lu-
minares intangíveis; contra tôda a ideia
de Estado centralista, monopolizador,
coercitivo, os sindicalistas revolucioná-
rios, os partidários de um comunismo
livre, propagam a expropriação geral
de todos os bens, de tôdas as riquezas
sociais, e a apropriação de todos os
utensílios, de tôdas as fontes produtivas,
pelos trabalhadores organizados em
grupos, em sindicatos profissionais li-
vemente federados, tirando a oficina e
a fábrica, os caminhos de ferro e mar-
timinhos, as vias de comunicação e os cam-
pos, as minas, etc., ao patrão, às com-
panhias, aos banqueiros, aos ricos sen-
hores — não para entregar tudo isso à
supremacia política de um pseudo es-
tado proletário, mas para ficar sob a
gestão verdadeira dos conselhos de ope-
rários das cidades e campos e dos sindi-
cados...

Talvez nos objectarão com ironia:
Mas, transitória, é provável que
tenha de haver uma ditadura sindical
no desenvolver da revolução. Se assim
for, é preferível à ditadura de um parti-
do sobre as massas, de um governo
estatal. Adoptar-se-á esta outra fórmula:
— "governo dos conselhos ope-
rários das oficinas, fábricas, etc., e dos
sindicatos pelos mesmos conselhos e
sindicatos livremente inteligenciados nas
uniões locais, federações de indústria e
confederação geral — onde os producio-
res, ao mesmo tempo consumidores,
tem uma influência mais real, directa,
efectiva, permanente, deliberando, his-
tORIZANDO, agindo por si mesmos. Será
o verdadeiro "governo do povo pelo povo
do proletariado, pelo proletariado
de chaves e sub-chaves..."

De resto, isto não é para admirar,
Clemente V. dos SANTOS

Na Imprensa Nacional

Uma cena comovedente
e teatral — Uma partida
da comoção a um orador — e algumas lágrimas... — mas...

Há scenas comovedentes, que chegam a fazer chegar aos nossos olhos lágrimas sinceras. Não fomos nós os primeiros a chorar. Olhos mimosos choraram também em presença da triste cena que palidamente vamos descrever.

Ontem, no edifício da Imprensa Nacional, pelas 14 horas e 15 minutos, contados por relógio certo oficialmente, um grupo de operários e gentis operárias do referido estabelecimento, em número inferior a cem, dirigiu-se ao gabinete da biblioteca da mesma Imprensa, onde entregou ao arquivista José Maria Gonçalves e ao compositor António Antunes da Conceição Agostinho, delegados do pessoal ao conselho administrativo, duas prendas principes- cas.

Constavam as lindas prendas de uma cigarreira de prata e um alfinete de ouro com finas pedras preciosas, para cada um.

Solenemente, como convinha o costume é hábito praticarem-se actos desta espécie, a entrega dos objectos foi feita pelo sr. Raúl Frede- rido de Pádua Leal, fiel do armazém de impressos, que em nome do grupo, fez uso da palavra, enaltecedo os serviços maravilhosos dos referidos delegados, servidores que mereceram as maravilhosas dadias acima mencionadas.

Ao fogoso orador respondeu José Maria Gonçalves que desfez em agradecimentos e amabilida- des.

Em seguida o sr. Agostinho Antunes, o peito pleno de emoção, os olhos um pouco embaciados por indiscretas lágrimas, preten- de também fazer um discurso de agradecimento. Mas, se bem lhe sobrava a vontade, faltava-lhe a voz, que a comoção, a maldosa comoção, embargava criminosamente. E da sua garganta não saiu som que se aproveitasse, nem que de longe retratasse o seu estado de ânimo. Foi pena.

Precisamente nesta altura, aquela altura em que nãas se sentem teatrais e emocionantes costuma entrar qualquer coisa — a polícia, o marido enganado ou o credor impaciente — entram as lágrimas a bater nos olhos mimosas da gentil operária.

Cai o pano...

OS SENHORIOS

INFAMIA!

Mais um mandato de despêjo infame! — O inquilino tem uma síncope perigosa

Os senhorios chegaram ao desafio máximo. Cometem impunemente e de cara alegre as maiores violências contra os inquilinos. E os inquilinos temem que precaver-se. Eles querem a luta pela violência? Não haverá outro remédio!

Os estudantes estenderão na rua as suas capas, formando tapete que os pés de Cabral e Gago não devem pisar. Imaginem todos, de que forma não ficarão as capas, se o temporal estiver de chuva...

O "vírus" patriótico

Pela respectiva inspecção foi enviada uma circular aos professores das escolas móveis, para que no dia da chegada a Lisboa de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, refizam não só os seus alunos mas toda a gente que queira assisti- los, num grande significado do extraordi- nário feito dos ilustres aviadores e certos funcionários pouco escrupulosos, e o quanto que todos devemos sentir em sermos portugueses...

Onde está o critério pedagógico da república que pretende obrigar os pro- fessores a proferir discursos patrióticos, sem se lembrar que professores haverão que acréscer à pátria tem um critério diverso do usual?

Quão será um crime começar a inocular nas crianças opiniões que elas não podem examinar ainda e que mais tarde talvez repudiem?

Feira de Lisboa

A comissão organizadora da Feira Internacionais de Lisboa, reuniu amanhã, pelas 22 horas, na rua do Alcâmer, 73, sob a presidência do sr. ministro do Comércio.

QUESTÕES PALPITANTES

A Revolução Russa

por ALEXANDRE BERKMAN

Não resta a menor dúvida que a revolução russa é o acontecimento histórico de mais importância depois da revolução francesa. Estou ainda inclinado a crer que desde o ponto de vista de suas consequências potenciais, a revolução de 1917 é o feito mais significativo em toda a história conhecida da humanidade. É a única revolução que aspirava de facto à revolução social mundial: é a única que actualmente aboliu o sistema capitalista em todo o seu território e transformou fundamentalmente as relações sociais existentes até então. Um acontecimento de uma tão grande magnificência humana e histórica não deve ser julgado desde o estreito ponto de vista da parcialidade.

Se se julga a Rússia e os acontecimentos nela ocorridos desde 1917, o juizo será muito incompleto, se não for errôneo; ainda que a maior parte das pessoas tomem partido e falarem em contrário ao regime da revolução e dos bolchevistas quase ninguém possue um conhecimento exacto e claro dos factores essenciais que com elas se relacionam. Em geral as opiniões expressadas — favoráveis ou não — são baseadas sobre informações incompletas, das quais se pode discutir a autenticidade e que são a meião inteiramente falsas, informações que se referem à revolução russa ao seu desenvolvimento e ao aspecto actual do regime bolchevista.

Mas as opiniões sustentadas são, na maioria, não só fundadas sobre dados imprecisos ou falsos, como ainda obscuras e para dizer a verdade, desnaturalizadas — pelos sentimentos de amizade, prejuízos pessoais e interesses de classe. No fundo é uma profunda ignorância a que, de forma ou outra, caracteriza a atitude da maioria das pessoas no que respeita à Rússia e aos acontecimentos da Rússia.

E, todavia, compreensão da situação russa é de uma vital importância para o progresso e o bem-estar futuros do mundo.

Não é preciso insistir demasiado sobre este ponto. É da justa estimativa da revolução russa, do rol que foi desempenhado pelos bolchevistas e dos outros partidos e movimentos políticos e as causas que conduziram à situação presente, numa palavra: é da inteira compreensão de todo o problema dos quais dependem as lições que tiraremos do grande acontecimento histórico de 1917. Estas lições afectarão em bom ou mal a opinião e a actividade de uma grande parte da humanidade. Isto é: as mudanças sociais do futuro — o trabalho e os esforços revolucionários que precedem e acompanham — estarão profundamente influenciados pela compreensão popular do que aconteceu realmente na Rússia.

E' triste constatar que são os chamados amigos da Rússia e da revolução russa os que tem feito mais mal à revolução, ao povo russo e aos mais caros interesses das massas trabalhadoras do mundo pelo seu zelo sem moderção que não tinha em conta a verdade. Alguns por ignorância, mas a maior parte

(Continua)

OS GREVISTAS DE ALJUSTREL

Uma pregunta de espanto que caracteriza o egoísmo feroz da classe capitalista :-

Como são egoístas estes burgueses que se habituaram a cuidar apenas da sua pessoa pouco se lhes importando que o resto do mundo esto de miséria!

Parece que a companhia das minas de Aljustrel já se vai preocupar um pouco com a greve que está a prolongar-se mais do que ela esperava.

Teve um seu director de Anvers curiosidade, ou melhor, quiz adquirir um facto que a ele, egoísta, avarento, o encia de espanto: se os grevistas tinham a solidariedade do operariado.

Sim, tem. Os trabalhadores organizados, que aspiram a mundo mais perfeito, comovem-se mais facilmente com as misérias alheias que os capitalistas cujo bem estar assenta sobre a dor e o trabalho dum legião de púrias.

Sim, os grevistas tem a solidariedade do proletariado, que não deixará perder a sua justa causa, que não permitirá que crianças inocentes pereçam de fome, vítimas da tirania dum potente!

Núcleo da Juventude Sindicalista de Messines

MESINES, 20 — Na assemblea magna ontem efectuada, depois de serem tratados vários assuntos, José da Silva fez um discurso que não tinha de menor suposição de que o seu afável «intérprete», tam ávido de «interpretar» e «explícá-lhe» tudo, era, na realidade, um homem do grupo dos «homens de confiança», especialmente designado para «guiar» os visitantes de importâncias.

Muitos destes visitantes depois falaram e escreveram abundantemente sobre a revolução russa com pouco conhecimento e ainda com menor compreensão. Houve outros queiram tempo e ocasião, e alguns deles trattaram realmente de fazer um estudo sério da situação.

Continuam a afixar as ofertas para recolhimento de crianças, filhos dos revolucionários. Registamos hoje: mais os seguintes nomes:

Félix António Fernandes, José de Almeida, António Jacinto Pires e Artur Pedro Gouaré. Também a Associação dos Catraciros e um grupo de carteiros tomam conta dum criança, cada.

Uma saudação à Batalha

ALJUSTREL, 20. — T. — Um grupo de libertários sauda a Batalha pela solidariedade em prol dos mineiros. — Vila, Cortês, Barrancos, César, Caldeiro.

dadeira que alguns jornais publicaram, a Associação dos Chaufeurs em Portugal, pede-nos a publicação da seguinte carta:

Camarada: Tendo alguns jornais publicado a notícia de que esta Associação se faria representar por um delegado na sessão de homenagem às vítimas do 19 de Outubro a realizar no Centro Dr. Sidónio Pais, pedimos pela presença de mandar desmentir tal notícia.

Recebemos um convite desse organismo político mas como a nossa ação está fora de tal assunto, não nomearmos nem delegado nenhum daquele navio.

Agradecemos sómos a desejar-lhes Saúde e Revolução, João Pinto Moura, secretário.

A BATALHA EM SAINT-ETIENNE

**Em defesa do Sindicalismo Revolucionário
A resposta de Borghi ao discurso de Losovsky**

operários proporcionar-lhes hão produzidos manufaturados.

O que se passou na Rússia? Passou-se alguma coisa análoga ao que se passava em todas as partes se se enviessem os camponeses homens armados que lhes dissessem: «Todo o trigo deve ir para Roma, para Paris ou para Milão. De ali se enviará a todas as cidades, se distribuirá com equidade». Os camponeses dirão: «Não queremos isso».

Tinha centralizado tudo em Moscovo. Agora bem, os camponeses temem um medo terrível de Moscovo, o mesmo medo que os operários italianos temem de Roma. Só nós fazemos a revolução ámãna, falará o trigo em Roma, em Milão, em Turin, enviaremos à regiões em que há trigo um comitê comunista, que tomará o trigo com as armas na mão e que o enviará a Roma!

Esse comitê encontrará-se há com a desconfiança dos operários. Pensamo que a sociedade nova tem outros meios.

Pensamos que vale mais convocar diretamente os interessados. Não há que enviar a buscar o trigo, um grupo de guardas, ainda que sejam vermelhas; é preciso enviar aos operários, diretamente, às regiões em que se produz o trigo; é preciso pôr em contacto o operário com o camponês. Nestas condições, os camponeses darão o trigo e os

consequentes uma desmoralização da revolução.

Eis o que posso dizer-vos a propósito do que vimos na Rússia.

Falamos com os homens da Revolução. Esses homens estão convencidos que o seu método deve ser empregado no mundo inteiro. Não é essa a minha opinião. Falamos com Lenin, com Zinovieff, com Bukarine. As nossas queridas ideias do sindicalismo revolucionário são qualificadas como «preconceitos anarquistas e sindicais latinos».

A luta contra a centralização, contra a militarização para dar à revolução um caráter sindical não foi uma luta dos individualistas anarquistas contra o governo.

Se passares vinte e quatro horas na Rússia, encontrarás vinte e quatro comunistas que vos dirão que a luta tem sido conduzida pelos comunistas da vanguarda, pelos sindicais e pelos anarquistas de todos os matizes; os mesmos que estavam com os bolcheviques quando se derrubou o poder de Kerenski.

Veem-se as consequências do que

acabou de dizer. Os que querem debilitar o Estado são contra-revolucionários.

As prisões estão cheias de camadas. Não exagero nada.

A Central Sindical Russa recusa intervir a favor dos presos

Tem-se falado muito da Conferência de Berlim. Eis a verdade. Bernard encontra-se comigo numa conversação com Andrejew, representante da C. T. Russa; não pedimos a Andrejew a libertação de Makno. Não lhe pedimos a liberdade de lutar com as armas na mão contra os bolcheviques.

Não digo que para demolir o próprio Estado bolchevique não seja necessário um dia (Aplausos). E isto é a prova de que não somos tolstoianos, como Naturalmente não vamos pedir aos governantes bolcheviques a liberdade de poder lutar com as armas na mão contra os bolcheviques mesmo. Queríamos simplesmente tratar de tentar um

último esforço para harmonizar sindicamente com a Internacional. Procurávamos concessões possíveis.

Havia em Berlim um camarada nosso que estava em contradição com alguns dos nossos porque tinha idéias demasiadamente bolcheviques. Sabes porque está esse camarada em Berlim? Porque foi expulso depois de ter sido posto em liberdade em consequência da intervenção de Stroile, que todos conhecem.

Nós temos dito: «Acaso um camarada que deve constituir o nosso Comitê International poderá ter a liberdade de propagar as nossas idéias em Moscovo, como as propágamos em Berlim, em Paris, ou em Roma? Poderá fazê-lo sem correr o perigo de ser encarcerado ou desterrado?»

Era preciso dizer sim ou não. Não havia que buscar uma fórmula. Dissemos: «Sim; ou disseis em-nos: Não. Disseram: «Deixamos essa liberdade a todos, salvo aos menkeviques, aos socialistas-revolucionários, aos anarquistas bandidos, e a todos os que lutam contra o poder do governo bolchevique.»

Não fica mais que o partido comunista, e este não completo: faz-se a exceção dos comunistas heterodoxos. Esta é a resposta que nos deram.

É verdade Besnard?

Besnard: — Exato.

Os operários não estão nunca contra a revolução

Borghi. — Eis a verdade. E apesar disso estamos contra a revolução

AS GREVES

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIOSA

Camaradas: Cumprindo as resoluções tomadas anteontem na sessão magna das classes de Longo Curso, entregamos anteontem a respectiva participação das mesmas resoluções à Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a qual vai reunir imediatamente, segundo o que nos foi comunicado verbalmente pelo secretário geral, para estudar quais as medidas a adoptar para solução do conflito.

A comissão de melhoramentos

Carta aberta

Camaradas: Eu vos saúdo pela vossa tenacidade para a conquista do que de direito nos pertence!

Não recueis nem um passo sequer, porque esses senhores armadores, julgando-se nas suas roças do Lobo e em outras províncias ultramarinas, querem usar dos mesmos sistemas para nós como usam para nossos irmãos de côntra.

Custa a crer, camaradas, que o raciocínio dos sr. armadores seja tanto falso de senso para que não atendam imediatamente as nossas justas reclamações!

Custa a crer que essas almas insensíveis, coração de bronze, de gelo, não se preocupem com a nossa miséria e riem com escárnio da sorte que vai em nossos lares!

Lewanian, camaradas, bem alto o grido da vossa revolta contra o desdém infame com que nos tratam os detentores de fortunas que nós lhes temos trazido, quantas vezes lutando até ao extremo para os salvar e salvarmos as nossas vidas!

Reparai mais o quanto custa um simples agasalho que tinha que comprar para seguirdes em viagem até aos climes do Norte!

Não exigimos um aumento que nos leve a jogarmos na Bolsa; pedimos por Mr. Leroy, garantindo um salário igual ao das minas dos arredores a todo o operariado, mas que não estabelece um pré fixo; cada um ganhará o que lhe quiseram dar no fim de cada mês.

É este telegrama a ordem da noite, resolvendo o operariado, por unanimidade, continuar mantendo-se na mesma situação em virtude de não saber qual é o preço que lhe será dado, pois desconhece nesta data quais os preços autorizados nas minas dos arredores.

Pergunta-se ainda Mr. Leroy se os operários estão sendo auxiliados pela C. G. T. Basta que o sub-diretor gaste um tostão por dia numa Batalha e lha envie para que esse senhor possa avaliar como se entende a solidariedade dos operários portugueses.

Terminou a sessão como sempre por delirantes vivas à C. G. T., T. M. e muito principalmente à greve.

Operários cerâmicos de Palenca

Os operários cerâmicos da fábrica de Palenca, com dois delegados do S. U. da Construção Civil de Almada e um da Federação, tiveram uma entrevista com Carlos da Silva e Moreira Rato, proprietários da fábrica, que declararam ter muito respeito pelas associações operárias, mas querem uma comissão dos operários da sua fábrica para tratar com eles, com quem já tem解决ido conflitos.

Os grevistas reúnem hoje, às 14 horas, para resolver o caminho a seguir.

Em Aljustrel

Operários mineiros e metalúrgicos

ALJUSTREL, 20. — C. — Mais uma reunião cheia de entusiasmo foi a desta noite na sede dos Sindicatos Mineiro e Metalúrgico, votando-se mais uma vez a prorrogação da greve em que a comissão exploradora destas minas languiu vinte dias todo o operariado.

Assisti a esta reunião como a quais todas ali efectuadas, e, com imensa satisfação o declaro, nunca aquela camadragem me pareceu tan forte, tancchia de esperança num futuro risonho que o seu esforço e sacrifício há de alcançar.

É certo de que cada operário se sentia queixoso, os mais desolados, como elas relatavam a miséria que os invadia, como então declarava sua fome! Mas nunca esmorecem! Quando mais sentem os seus martírios, sufocam-nos, trocando os lamentos por energéticos vivas à greve. Quando se lhes pregunta se querem prosseguir na luta, é, cheios do mais vivo entusiasmo, cheios da mais forte animação, que respondem com um sorriso.

— Já retiram os cavalos que tinham vindos de Silves, requisitados pelos burgueses assustadiços, que naturalmente terão de pagar as rações das respectivas cavalgaduras...

Continuaremos a informar.

Joaquim Gonçalves

Queiras comparecer na tipografia do A Batalha, ou indicar direcção para assunto de seu interesse. — O quadro.

O "Tamega"

Foi ontem festivamente lançado ao rio

Realizou-se ontem a cerimónia do lançamento ao mar do destroyer Tamega com a assistência do chefe do Estado, oficial do exército, da armada e muitos outros.

Dentro do Arsenal, junto à prôa do Tamega, foi armada uma tribuna destinada ao presidente da república e aos membros do governo.

Em frente da tribuna formou uma força de aspirantes da armada, sob o comando do 1º tenente Ferreira de Castro, que prestou as honras militares ao chefe do Estado. A' porta do Arsenal estava uma força da armada sob o comando do 2º tenente Saravia.

Pouco depois das 14 horas, chegaram sr. António Maria da Silva, os ministros da Guerra e da Justiça, general sr. Abel Hipólito, comandante da guarda republicana general sr. Vieira da Rocha, comandante da guarda fiscal sr. coronel Aguiar, comandante da 1ª Divisão do Exército, sr. general Roberto Baptista, governador civil de Lisboa, ministro da Marinha, dr. Augusto de Castro, major-general da armada, director do Arsenal do Exército, etc., etc.

O director, como tivesse de partilhar essa honra, tomou nota do assunto, prometendo transmiti-lo todo o interesse à comissão administrativa dos mesmos caminhos de ferro, sendo da sua opinião que o caso se regularizaria a contento dos interessados.

Perante isto, espera a comissão de melhoramentos, como todo o pessoal, o regresso do seu director, para, em face de resposta que trouxer, ser deliberado o caminho a seguir.

Para isso e como complemento da acção desta comissão de melhoramentos, foi também enviado para o ministro do Comércio e Comissão Administrativa dos mesmos caminhos de ferro, o seu director, com a sua reorganização e pedido dois delegados para assistirem à reunião.

Tratou também do serviço de expediente e das contas dos Congressos Marítimo e Operário Nacional que devem ser presentes igualmente na assembleia de hoje.

O director, como tivesse de partilhar essa honra, tomou nota do assunto, prometendo transmiti-lo todo o interesse à comissão administrativa dos mesmos caminhos de ferro, sendo da sua opinião que o caso se regularizaria a contento dos interessados.

Operários alfaiates. — Para apresentar o relatório do delegado deste sindicato ao 3º Congresso Nacional Operário, reúne esta classe em assembleia geral, amanhã, pelas 21 horas, devendo também ocupar-se da territorial situação económica porque esta classe está passando por dificuldades.

S. U. Mobiliário. — Reúne depois de amanhã uma assembleia geral deste sindicato para tratar de vários assuntos de importância.

Operários alfaiates. — Para apresentar o relatório do delegado deste sindicato ao 3º Congresso Nacional Operário, reúne esta classe em assembleia geral, amanhã, pelas 21 horas, devendo também ocupar-se da territorial situação económica porque esta classe está passando por dificuldades.

Compositores Tipográficos. — Reúne hoje, pelas 15 horas, a Comissão Administrativa, com a presença de todos os seus membros.

S. U. da Construção Civil.

Comissão Administrativa. — Reúne amanhã, pelas 20 horas, para tratar de assuntos de alta importância.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Descarregadores de Mar e Terra de Almada. — Convide-se todos os componentes deste sindicato a reunião

reunião, pelas 21 horas, para se

tratar de assuntos importantes que se

prendem com a organização geral do

concelho.

Devido aos assuntos a tratar serem

de máxima importância, devem compreender todos os associados assim como

Thomas S. Negócio.

Telegrafia sem fios

Deve ser assinado por estes dias o

contrato entre o governo e a casa Marconi, para o estabelecimento do serviço

de telegrafia sem fios entre a metrópole

e as colônias africanas.

As reclamações dos operários, eram

para que lhes fosse dado o aumento de 20% o dia 2 do corrente.

Como no dia 17 um industrial fizesse

mandado à associação dos empregados

seus convidar o pessoal da sua fábrica a retomar o trabalho com os 20% e

os grevistas resolvesssem na reunião de

19 aceitar essas condições, visto haver

outro industrial nas mesmas condições,

e ainda para não prolongar mais o

conflicto, uma comissão procurou

hoje os referidos industriais a fim de

lhes comunicar as resoluções da assembleia, que era retomar o trabalho com os 20% já oferecidos por elas, dizendo

que já não dava nads, que se qui-

reia?

Não, absolutamente não. Mas

se amanhã tivessemos uma revolução

em Itália e fôssemos Furalti ou D'Ara-

gona os que subissem ao poder, tam-

bém nessas circunstâncias, não estaria-

mos tão pouco contra a revolução.

Estariamos contra o governo. Não uma

revolução com a qual não esteja-

mos.

Vejamos a revolução em Portugal;

destronou-se o rei e substituiu-se pela

república. Mas a república poz-se con-

tra os sindicais. Depois de ter der-

rubido a monarquia, os operários de-

clararam a greve; lutaram contra os

</

A BATALHA

Teatros

opereta "Miss Issipi", no Teatro S. Luís

Miss Issipi tem mais de comédia do que a inspiração do compositor é original que a «canção de guerra» de *Miss Issipi*.

Vamos ao desempenho, Ausenda de Oliveira, estrela de opereta, gentil figura de babiló, fez a *Miss* com um admirável nervosismo, exteriorizando os desatinos da simulada doidice, arruinando excelente para conquistar os patos de bona coração. Descompoz a casa do seu amante com uma minúcia, com uma abundância de detalhe muito natural. A vaga mobilidade dos seus olhos, o abandono alucinado dos seus movimentos revoltos demandam um esforço intelectual.

Aldina de Sousa cuja consistência de voz mais se vai notando de dia para dia, foi uma «Clarinha» apaixonada e sobretudo deu-nos a impressão de que também lhe merece cuidado a arte de dizer. Deve continuar, porque só assim, será uma actriz de opereta, completa. Sales Ribeiro impõe-se sempre ao público pela distinção dos seus modos e pela habilidade com que articula as palavras em concordância com a música em que a banalidade das suas artes melhor se casa com as ilações corriqueiras de muitos pais de frequentadores de operetas.

Miss Issipi além de todo o encantante interessante, há um coro assim, muito bonito e simples de ouvir e que, diga-se com prazer, foi cantado; é o «da criadagem mas contrata com esta péquena páginas realmente trabalhada está o «dos beijos» que ninguém arranca do corriqueirismo, se não tivesse interpretado Sales Ribeiro e Aldina Sousa. É um vulgaríssimo número revisado.

DEMÓCRITO

No entanto não é demais prevenir o nosso público que não deixe de assistir à empolgante acção dramática dos filhos «A Criança perdida» e o «Guia Salvador» que são extremamente emocionantes.

Exibe-se também o 11.º e 12.º episódios de «A Princesa Escrava» que é um filme que deve ser admirado por todos.

Reclames

Quem quiser passar divertidíssima noite de domingo, não deve faltar hoje ao Eden. Encontrará, vendo *O Crime do Cochicho*, o que pretende, pois a famosa peça policial abunda em situações graciosíssimas, que se sucedem quase ininterruptamente.

Quem hoje não fôr cedo ao Apolo, guardando para a última hora a aquisição do logar que pretende, é natural que não o encontre. Repete-se ali o «Cigarro brejeiro», a sensacional e deslumbrantíssima revista-fantasia, e nada mais é preciso dizer-se.

O 2.º acto da peça histórica de grande espectáculo *Vasco da Gama*; que na próxima semana sobe à cena no teatro de S. Carlos, passa-se a bordo dum aeroporto das naus a caminho da Índia. O trabalho de maquinaria é tam perfeito que o espectador terá a sensação de asas voo ser mudados por outros, semelhantes tam artísticos como aqueles.

"A Batalha" na província e arredores

Vendas Novas

18 DE OUTUBRO

Corticeiros

Reuniu ontem o Sindicato dos Operários Corticeiros desta localidade, que entre outros assuntos apreciou a questão do horário de trabalho. Verificaram-se haver ainda uns 5 ou 6 operários tempos em transgredir o ditto horário,

foi também reconhecido que um dos factos que muito contribui para que se cometam algumas faltas, consiste em não ser o horário igual em todas as fábricas, por tal motivo, foi aprovado o seguinte horário para ser presente aos industriais da localidade:

De 1 de Setembro a 30 de Abril, Entrada às 8 horas; Refeição das 12 às 13 horas; Saída às 17 horas.

De 1 de Maio a 31 de Outubro, Entrada às 8 horas; Refeição e descanso, das 12 às 14 horas; Saída às 18 horas.

Horas suplementares suprimidas, excepto em casos de força maior, e em tal caso serão remuneradas em harmonia com o art. 11 do decreto 5610.

Para que este horário uniforme em todas as fábricas, entre imediatamente em vigor, foi nomeada uma comissão para entrevistar todos os industriais, cuja comissão fica também incumbida da vigilância sobre o cumprimento do horário, dando parte ao sindicato de todas as faltas que observe, sendo enviados para *A Batalha* os nomes de todos os que traitem o horário.

Carestia da vida

Já tínhamos resolvido aqui abster-nos de falar sobre tal assunto, visto que com palavras nadas se conseguem; mas em face de tanto descarramento com que estamos sendo assaltados, não podemos deixar de gritar: «*O da guarda! contra tanto ladrão!*...» E' mais que provável que ninguém ouça o nosso grito, a não ser alguma autoridade para nos meter na cadeia por dizermos a verdade. Mas a verdade temos que dizê-la, custe o que custar, dão a quem querer!

Nem a alta da libra, nem o imposto dos 2% nem quantas alcavadas arranjem para nos convencer, são suficientes para nos justificar a tanta brusca alta que nestes últimos dias se tem operado sobre os artigos mais essenciais à vida, elevando uma grande parte dos mesmos ao duplo do preço...

Ficamos hoje por aqui. — C.

Praia da Nazaré

19 DE OUTUBRO

A luta para a conquista do negro pão

Após 135 dias de permanência no mar, em constante e desesperada luta com os elementos, regressam enfim aos seus pobres lares alguns dos trezentos ou mais pescadores de bacalhau desta praia que no preterito mês de junho partiram—muitos deles com a alma lacrada pela ruge incerteza de voltarem a estreitar ao peito os queridos filhinhos, pequenas partículas do seu ser por quem iam heróicamente arrastar com as mais problemáticas eventualidades de tam perigosos mistérios, com destinos longíguos e desolados bancos da Terra Nova em demanda do preciosíssimo bacalhau, que sem que eles tenham disso a mínima culpa, de há muito que está sendo objecto da mais infame exploração mercantilista.

Oxalá o regresso de essa multidão de escravos do vil salariado, esse punhado de obscuros heróis do trabalho, se façam novidade de maior. — C.

Silves

19 DE OUTUBRO

O serviço do correio

Eis aqui um assunto que merece um bocado de atenção por parte de quem compete:

Há já tempos que o transporte de malas entre a Estação Telegrafia-Postal e a do Caminho de Ferro está entregue a um homem que, não raras vezes, faz este serviço anormalmente.

No trajecto, que se pode fazer em vinte minutos, pelo menos, demora-se o homenzinho, a maior parte das vezes, mais de duas horas, pois que chega ao comboio às 10 horas, ao meio dia não estão as malas na estação postal.

Tal facto dá em resultado um enorme prejuízo para a população que, só tardivamente, recebe correspondência.

Alien disto temos ainda um caso que merece menção, pois não é de somenos importância.

E' o relógio da estação que anda a seu belo prazer, adiantando-se ou atrasando-se, conforme «as suas conveniências», o que prejudica enormemente quem tenha de registrar cartas ou encomendas.

Podem e devem comprar calçado sólido e elegante.

O calçado que vendemos faz de cada fregues um amigo.

Calçado só em qualidade garantida.

Preços muito baratos

prometida, o percorria com os seus fiéis olhos de namorada engimática, e estava já a ouvir-a no tribunal da penitência, acusar-se de ter sido demasiado prazer, aquele almoço, sentada ao lado do seu amigo Châtelard, cujo joelho por baixo da mesa se encostava amorosamente ao seu.

O bom Mazzelé, esquecido entre o juiz Gaume e o capitão Jolivet, também não tinha ainda aberto a boca sequer para engolir grandes bocados, que mastigava lentamente, com receio das doengas de estomago. As coisas da política já não o interessavam, depois que, graças aos seus rendimentos, estava ao abrigo das tempestades. Mas tinha de dar ouvidos às teorias do capitão, satisfeita por desafogar com aquele ouvinte benevolente. O exercito a escola na nação; França não podia ser, para sua tradição imutável, senão uma nação guerreira, só encontraria o seu equilíbrio no dia em que tivesse reconquistado a Europa e em que reinasse pela espada. Era estúpido acusar o serviço militar de desorganizar o trabalho. O trabalho de quem? o trabalho de quem? o trabalho era coisa que existisse! O socialismo era uma imensa blague. Sempre havia de haver soldados, e, em situação inferior, gente para o serviço de fachina. A espada ao menos via-sé; mas quem é que já tinha posto a vista em cima da ideia, da famosa ideia, da pretensa rainha do mundo? E ria do seu próprio espírito, e o bom Mazzelé que tinha o respeito profundo do exército, ria também por complacência; enquanto Lucila, sua

prometida, o percorria com os seus fiéis olhos de namorada engimática, examinando-o em silêncio com um leve sorriso singular, como divertida a ideia do marido que ele daria.

Na outra ponta da mesa, o jovem Achille Gourier encerrava-se no mesmo silêncio de testemunha e de juiz, os olhos a luzir de todo o desdém que lhe causavam a sua família e os amigos com quem ela o forçava a almoçar.

Mas, de novo, uma voz se ergueu, se ouviu em toda a mesa, no momento em que era servido um empadão de fígados de pato, uma verdadeira maravilha. Era a voz da senhora Mazzelé ali adalada, entrada no seu prato cuidando da sua doença, que reclamava um forte alimento. E, como Boisgén, todo da Fernanda, a esquecia, sia voltaria-se para Gourier, explicava-lhe o interior da sua casa, a sua inteligência perfeita com seu marido, as suas ideias sobre a instrução que mandaria dar a sua filha Luisa.

— Não quer que lhe quebre a cabeça, ah! não! Para que há de ela morfear-se? E' filha única, herdará toda a nossa fortuna.

Subitamente, Lucas cedeu à necessidade de protestar, sem reflectir, por simples malícia.

— Mas, minha senhora, não sabe que vai ser surpreendida a herança? Oh! muito próximamente, assim que se organizar a sociedade naval.

Em volta da mesa, julgavam que ele gracejava, e o espanto da senhora Mazzelé era tam cómico de se ver, que to-

dos os gôsos envenenadores. E todos adiam em socorro da renda, do capital, da sociedade burguesa e capitalista, baseada sobre o salarial.

A República suicidar-se há no dia em que tocar na propriedade, predisse Gourier, o maire.

— Hei, e tudo desabava quando deixasse ser aplicadas, decidiram juntar-se.

— Em todo o caso, co'a breal o exército está alerta e não permitirá aos patifes o triunfo, arremeteu o capitão Jolivet.

— Entreguem-se nas mãos de Deus, que é todo bondade e justiça, exhortou o padre Marle.

Boisgén e Delaveau limitaram-se a aprovar, porque era em seu socorro que vinham todas as forças sociais.

E Lucas compreendeu-o, eram o governo, a administração, a magistratura, o exército, o clero que sustentavam ainda a sociedade agonizada, a monstruosa rume de iniquidades, o trabalho mortífero do maior número nutrindo a ociosidade corruptora de alguns. A sua terceira visão da véspera continuava.

Depois do reverso, via a face de esta sociedade em decomposição, cujo edifício por todos os lados se alvia.

E mesmo ali, naquele luxo, naquela devoção triunfante, acabava de o ouvir estalar, sentir-se a todos inquietos, aturdindo-se, correndo para o abismo, como os tresloucados que as revoluções arrastam. Servia-se a sobremesa, crème, doces, frutas magníficas.

Para acabar de reanimar os Mazzelé,

quando se deitou o champagne, fez-se

continuar a rir, a gracejar. Todos, contudo, haviam sentido passar o grande sopro de amanhã, o vento do futuro, que de novo soprava através

da mesa, da qual varria o luxo iniquo

Museu Bordalo Pinheiro

A sua doação à cidade de Lisboa

O fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, sr. Cruz de Magalhães, acompanhado dos drs. srs. Magalhães Lima e Fernão Botelho Machado, do grupo dos Amigos Defensores do Concelho com o presidente da Comissão Executiva da Câmara sr. Magalhães Peixoto, vereadores Ribeiro da Silva, do Pelourinho de Arquitectura, e Carlos Simões Torres, e ainda com o arquitecto chefe da 4.ª Repartição sr. Alexandre Soares, acerca da valiosa doação que o primeiros referidos srs. pretendem fazer à cidade de Lisboa da propriedade total do edifício situado na Alameda de Campo Grande, com todo o recheio da obra desenhada de Rafael Bordalo Pinheiro, do qual a doação é de valor superior a duzentos cinquenta contos. Ainda o sr. Cruz de Magalhães, como fundo para manutenção do edifício respectivo Museu, oferece à cidade com acções do Banco Lisboa & Açores de que o doador se reserva o direito usofuturo.

O sr. Cruz de Magalhães ficou de apresentar as condições definitivas em que faz a doação afim de elas serem apreciadas pela câmara.

AOS MONTADORES

Material eléctrico

Cordão 0,75 a preços convidativos na casa Lopes & Valério, Lda. Rua Nova da Almada, 16.

Assinem

OS MISERAVEIS

de VICTOR HUGO

A tomos semanais de 50 centavos

CAMBIOS

Paises Moedas Ao par Ontem Comp.º Vend.º

Alemanha Marcos 453 4004 —

Austria Marcos 191,1 1835 1888

Espanha Pesetas 817,8 2741 2865

E. U. A. Dólares 692,4 1783 18097

Francia Francos 17,8 14,9 18287

Holanda Florins 357,2 76011 735,7

Inglaterra Libras 463 858000 804000

Italia Liras 817,8 38731 578,8

Portugal Francos 17,8 24611 3414

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA

Rua do Arco de Jesus. Todos os dias úteis, das 10 às 16, com licença.

AQUÁRIO VASCO DA GAMA

Domingo. Todos os dias, das 10 às 16.

ARQUEOLÓGICO

Largo do Carmo. Todos os dias das 10 às 16, 20 centavos.

ARTILHARIA

Largo do Museu de Artilleria. Todos os dias úteis, das 10 às 16.

COLONIAL E ETNÓGRAFICO

Rua do Arco de Jesus. Domingo. Todos os dias úteis, das 10 às 16.

ETNOLÓGICO PORTUGUÊS

Rua dos Jerónimos, Belém. Todos os dias úteis, das 12 às 16.

GEOLÓGICO

Rua do Arco de Jesus, na Academia das Ciências, 2.º pavimento.

JARDIM ZOOLOGICO

Exposition permanente.

JOSE VICENTE BARBOSA DU BOIS

Rua da Escola Politécnica. Quintas-feiras, das 12 às

